

ASPECTOS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DA CONSTRUÇÃO MODALIZADORA ESTAR PARA + INFINITIVO

SEMANTIC-PRAGMATIC ASPECTS OF THE MODALIZING CONSTRUCTION ESTAR PARA +
INFINITIVE

Líneker Trajano dos Santos¹

¹ Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC-RN), Natal, RN, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-4401-2076>
prof.linekertrajano@gmail.com

Recebido em 06 jul. 2023

Aceito em 10 dez. 2023

Resumo: Neste artigo, objetivamos analisar alguns aspectos funcionais da construção modalizadora *estar para + infinitivo*, a qual constitui um subesquema da construção modalizadora [V1_{AUX} + Prep + V2_{INF}] (Santos, 2023). Demonstramos, por meio das análises, a atuação de fatores semânticos e pragmáticos implicados nas instâncias de uso desse padrão construcional. Para tanto, ancoramo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso, tal qual descrito por Furtado da Cunha e Bispo (2013). Metodologicamente, o trabalho apresenta viés qualitativo-quantitativo, de natureza descritivo-explicativa. O banco de dados é composto de ocorrências retiradas do *Corpus do Português on-line*, mais especificamente da seção Web/Dialetos. Os resultados revelam que, em maior parte dos dados, as instâncias de uso de *estar para + infinitivo* relacionam-se à iminência de um ato/evento expresso por V2, que será realizado num futuro próximo, ligado ao valor aspectual não começado, cujo sentido básico é o de ação futura que pode ocorrer (ou não) em breve. Defendemos que a esse valor estão relacionadas noções atinentes à modalização volitiva em alguns contextos de uso. Além dele, certos construtos do subesquema *estar para + infinitivo* carregam um sentido especializado relativo à negação da existência/ocorrência de algo, por meio de Ato de Fala Indireto, cuja caracterização se dá no âmbito da modalização epistêmica (asseverativa).

Palavras-chave: Estar para + infinitivo. Construção modalizadora. Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções.

Abstract: In this article, our objective is to analyze some functional aspects of the modal construction *estar para + infinitive*, which constitutes a subschema of the modal construction [V1_{AUX} + Prep + V2_{INF}] (Santos, 2023). Through the analyses, we demonstrate the influence of semantic and pragmatic factors involved in the instances of usage of this construction pattern. For this purpose, we rely on the Usage-Based Functional Linguistics, as described by Furtado da Cunha and Bispo (2013). Methodologically, the study presents a qualitative-quantitative bias, of a descriptive-explanatory nature. The database consists of occurrences extracted from the Corpus of Portuguese Online, specifically from the Web/Dialects section. The results reveal that, in most of the data, the instances of usage of *estar para + infinitive* are related to the imminence of an act/event expressed by V2, which will be carried out in the near future, connected to the aspectual value of non-initiated, whose basic sense is that of a future action that may (or may not) occur soon. We argue that this value is related to notions pertaining to volitive modalization in certain contexts of usage. In addition to this, certain constructs of the subschema *estar para + infinitive* convey a specialized sense related to the negation of the existence/occurrence of something, through Indirect Speech Act, characterized within the scope of epistemic (assertive) modalization.

Keywords: Estar para + infinitive. Modalizing construction. Usage-Based Functional Linguistics. Construction Grammar.

INTRODUÇÃO

No âmbito dos estudos linguísticos, não são recentes os trabalhos que tratam da descrição e da classificação da construção *estar para + infinitivo*. Grande parte deles a enquadram nos limites da temporalidade e/ou da aspectualidade (cf. Almeida, 1978; Travaglia, 2016). Nesta pesquisa, defendemos que, além dessas noções mais proeminentes, os construtos dessa construção carregam ideias de volição/desejo, e ainda sentidos relacionados à “ação que ficou por cumprir”, ou, mais especificamente, o da ideia de não existência de alguém/de algo ou de não ocorrência de um fato ligados à modalidade. Em tais usos, há o esgarçamento dos limites temporais de futuridadade e de iminência, conforme exemplificam as ocorrências a seguir:

(01) Conselheiro e ex-presidente do América, Eduardo Rocha e o processo eleitoral no clube: "Existe uma candidatura posta com o aval do presidente do clube e tem sim possibilidade de uma disputa na sucessão. **O Hermano Moraes está para dar uma resposta**, assim como o Marcus Meira e o próprio Gustavo Carvalho, o que é natural, normal na democracia. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 30 dez. 2020.)

(02) Os demais ministros, neste incidente, emitiram nota dizendo que o presidente continuava desfrutando do respeito de todos. Uma forma muito branda de censura e muito oblíqua de solidariedade. Mas agora, diz um dos ministros, estarão fazendo o contrário se atenderam ao eventual pedido de respaldo de Lewandowski. Estarão isolando o presidente. NO SALÃO DO CAFÉ... A perplexidade de alguns ministros aumentou. No final de semana ao lerem, na revista Veja, o diálogo que os dois brigões teriam tido no salão de café, após o abrupto encerramento da sessão. Alguns saíram, outros ficaram no plenário. Segundo a revista, eles trocaram desaforos e terminaram com Joaquim dizendo que Lewandowski não iria ficar lendo recortes de jornais na sessão para atrasar os trabalhos. **"Está para nascer homem que mande no que devo fazer**. O senhor acha que tenho voto de moleque?", teria dito o revisor. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 30 dez. 2020.)

Os dados (01) e (02) relacionam-se ao que por ora se afirma quanto aos sentidos veiculados por *estar para + infinitivo*. No primeiro dado, ao se utilizar de “está para dar uma resposta”, o escrevente quer expressar a possibilidade da realização desse evento em breve, mas, além disso, deseja atribuir um provável comprometimento por parte do agente do evento (Hermano Moraes). Já a segunda ocorrência demonstra o sentido de negação da existência/ocorrência de algo, em que a instância *está para + nascer* já denota um sentido totalmente distante do primeiro, cuja ideia é a de que não existe nenhum homem que mande no que o falante deve fazer.

Desse modo, o objetivo deste artigo é analisar os aspectos funcionais da construção modalizadora *estar para + infinitivo*, por meio da atuação de fatores semânticos e pragmáticos implicados em suas instâncias de uso, ligados, principalmente, à modalidade e à teoria dos Atos de Fala.

Fundamentamo-nos teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, LFCU), desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática, do qual fazemos parte. Essa abordagem representa desdobramentos da união de tradições da Linguística Funcional, representada mais fortemente por autores como Hopper (1987), Givón (2001), Bybee (2010), e da Linguística Cognitiva, representada por Lakoff e Johnson (1980), Langacker (1987; 1991), entre outros. A LFCU incorpora em suas análises pressupostos e conceitos operacionais da Gramática de Construções, defendida por pesquisadores como Goldberg (1995; 2005), Croft (2001; 2005) e Traugott e Trousdale (2013).

Um dos pressupostos básicos da LFCU diz respeito ao fato de que a estrutura da língua emerge a partir do seu uso (Barlow; Kemmer, 2000; Bybee, 2010). Isso implica que a língua é concebida como um instrumento que se presta à comunicação e, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, e sim como uma estrutura maleável, sujeita às pressões do discurso, das diferentes situações comunicativas, as quais determinam a sua estrutura gramatical (Furtado da Cunha, Souza, 2007; Martelotta, 2011).

Para esta pesquisa, o banco de dados utilizado foi formado por meio da coleta de ocorrências encontradas em textos autênticos do *Corpus do Português*,¹ especificamente na seção Web/Dialetos. Essa seção do corpus contém aproximadamente um bilhão de palavras extraídas de páginas da internet de quatro países de Língua Portuguesa. Consideramos para este trabalho *tokens* da construção *estar para + infinitivo* na variedade do Português Brasileiro (PB).

O estudo adota uma abordagem qualiquantitativa, ou seja, as propriedades linguísticas da construção *estar para + infinitivo* são analisadas com base em dados numéricos obtidos por meio de uma coleta parametrizada de ocorrências. Ademais, a abordagem deste trabalho é descritivo-explicativa, indo além da simples caracterização da construção em análise. Buscamos explicar suas propriedades funcionais e as motivações semântico-pragmáticas subjacentes ao seu uso.

O artigo está organizado da seguinte forma: além desta parte (introdutória), procedemos à exposição do referencial teórico que embasa nossas análises, assim como de alguns conceitos importantes para a sua compreensão. Na sequência,

¹ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>.

apresentamos a seção de análise da construção modalizadora *estar para + infinitivo*, considerando aspectos semânticos e pragmáticos envolvidos em seu uso; por último, tecemos algumas considerações finais sobre o estudo realizado e apresentamos as referências bibliográficas.

1 APARATO TEÓRICO

1.1 LFCU E GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

A pesquisa se assenta teórico-metodologicamente na Linguística Funcional Centrada no Uso, ampliação do termo designado por Bybee (2010) como *Usage-Based Linguistics* (linguística baseada no uso) e adaptado por Martelotta (2011) como Linguística Centrada no Uso. Alguns trabalhos no Brasil refinaram essa vertente do Funcionalismo linguístico, como Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Oliveira e Rosário (2015), Bispo e Lopes (2022), dentre outros. A LFCU reúne contribuições da Linguística Funcional norte-americana e da Linguística Cognitiva, que, de modo convergente, serão adotadas aqui via Gramática de Construções (a partir de agora, GC), diante da consideração de seus preceitos e categorias de análise, nos termos de Goldberg (1995; 2013), Croft (2001, 2005) e Traugott e Trousdale (2013).

De início, a primeira grande contribuição da GC foi a de propor a incorporação do conceito de construção – pareamento convencional de forma e de significado (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995; 2005) – como unidade básica da gramática. Logo, esse reconhecimento trouxe implicações a respeito da forma como a língua e a própria gramática passaram a ser concebidas em empreendimentos linguísticos que se orientassem por essa perspectiva teórica.

Sob esse prisma, a língua passa a ser vista como uma rede de nós e elos entre esses nós, de modo que as associações entre eles possibilitam identificar relações de hierarquias e heranças. Cada nó dessa rede representa uma construção. Isso implica dizer que certas propriedades de construções mais específicas podem ser compreendidas a partir de padrões mais gerais (cf. Hudson 1990; 2007), já que há uma organização hierárquica. Assim, a língua é uma ‘rede conceitual’, uma vez que

representa um sistema de entidades interconectadas, denominada genericamente de *constructicon*,² tendo como base a cognição.

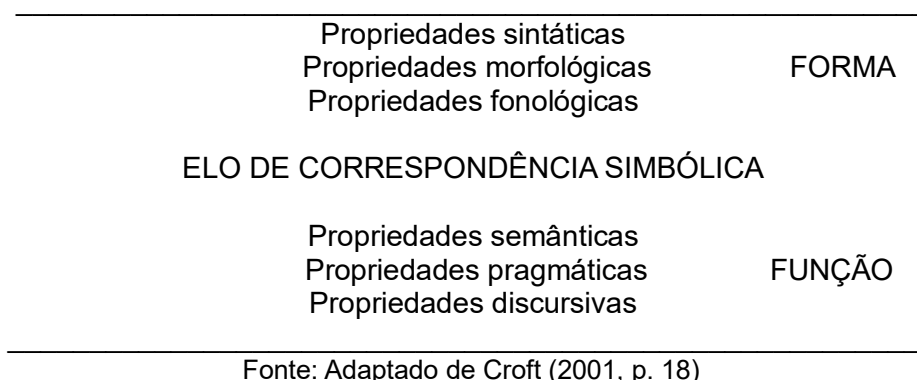
É importante frisar, ainda, que, nessa visão de língua em rede, não há distinção rígida entre léxico e gramática, de modo que os planos semântico-pragmático, morfossintático e fonológico são relacionados e interdependentes. Desta feita, essa conjectura implica uma pressão muito proeminente causada pelo uso por parte dos falantes, uma vez que determinada rede pode se expandir ou se contrair a depender do acréscimo ou retirada de seus nós constituintes por meio de mudanças linguísticas avalizadas pelo uso.

Para a GC, a gramática é concebida como uma estrutura ‘holística’, em que nenhum nível é autônomo ou central, sendo baseada no uso. Na verdade, a arquitetura da Gramática de Construções põe léxico e gramática em um ‘contínuo’ ou ‘gradação’ (Goldberg; Jackendoff, 2004; Langacker, 2011 *Apud* Traugott; Trousdale, 2013, p. 42). Assim, a Gramática de Construções rejeita a noção de uma distinção rígida entre léxico e sintaxe e, portanto, admite a existência de construções de qualquer complexidade que podem conter material léxico totalmente especificado bem como slots sintáticos com vários graus de abertura (Fillmore, Kay, O'Connor, 1988; Croft; Cruse, 2004; Bybee, 2010).

Como consequência dessa visão, a GC propõe que a construção linguística, não tendo uma forma sintática apriorística, seja representada pelo modelo $[[F]] \longleftrightarrow [[S]]$, em que F representa a Forma e S, o Significado. No polo da forma, encontram-se propriedades sintáticas, morfológicas e fonéticas. Já no polo do significado, propriedades discursivas, semânticas e pragmáticas. A flecha de duas cabeças especifica o elo entre forma e significado, e os colchetes externos denotam que o pareamento forma-significado é uma unidade simbólica convencionalizada (Langacker, 1987; Croft, 2005; Booij, 2010).

Em relação a esse pareamento, Croft (2001) traça um modelo geral que resume de forma intuitiva e visual o que por ora se afirma:

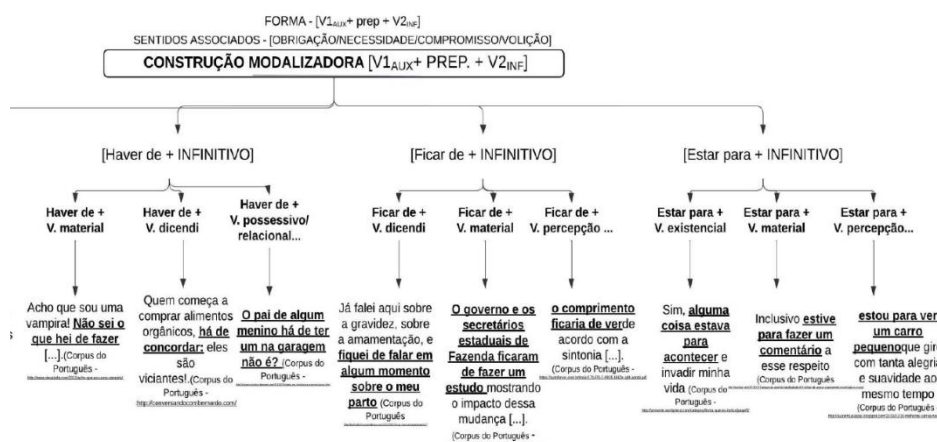
² Conjunto estruturado, hierarquizado e interconectado de construções de uma dada língua no repositório mental dos falantes.

Diagrama 1: Arquitetura geral das construções segundo Croft (2001)

A partir da observação do Diagrama 1, é possível notar que os polos FORMA – FUNÇÃO estão ligados por meio de um link (elo) simbólico de correspondência, o que implica certa arbitrariedade e convencionalização. A esse respeito, em que pesem os estudos do Funcionalismo Clássico no que tange à iconicidade – relação motivada entre forma e função – frente à relativa arbitrariedade do signo linguístico, é possível adotar a perspectiva da GC quanto a isso sem entrar em conflito com um dos pressupostos teóricos mais caros à tradição funcionalista norte-americana se se considerar justamente que a relação entre forma e função é apenas relativamente arbitrária/motivada (Furtado da Cunha; Silva e Bispo, 2016).

Outrossim, é oportuno ressaltar que as construções não existem no vácuo: elas estão ligadas umas às outras em uma rede que pode compreender vários tipos de relações. Em particular, relações de herança correlacionam construções mais gerais a suas instanciações mais específicas, formando uma espécie de hierarquia taxonômica (Croft; Cruse, 2004; Goldberg, 1995). Por exemplo, quando à construção modalizadora [V1_{AUX.} + Prep. + V2_{INF.}] é adicionado um verbo particular no slot de V1, como *estar*, isso forma uma construção mais específica que herda traços da construção mais geral, tal qual a que se investiga neste trabalho (*estar para + infinitivo*). As relações de herança são marcadas por setas apontando desde a construção mais proeminente até as mais específicas que dela derivam, tal qual pode ser verificado no Diagrama 2:

Diagrama 2 – Rede hierárquica da construção modalizadora [V1_{AUX} + Prep. + V2_{INF}]



Fonte: Santos (2023)

A interpretação do Diagrama 2 denota que a formalização [V1_{AUX} + Prep + V2_{INF}] é apresentada como o esquema mais geral que superordena os padrões *haver de + infinitivo*, *ficar de + infinitivo* e *estar para + infinitivo*, tomados como subesquemas. Na sequência, são arroladas as microconstruções de cada subesquema que herdam suas propriedades de forma e função, sendo diferenciadas pelos tipos semânticos dos verbos que preenchem o slot V2, seguidas por seus construtos, os quais representam as instâncias de uso em si de cada microconstrução específica.

Ainda considerando o Diagrama 2, é possível perceber que há um padrão mais geral - [V1_{AUX} + Prep + V2_{INF}] - que captura uma série de construções mais específicas. A esquematicidade, nesse sentido, relaciona-se à especificidade ou não de uma construção, ou seja, o quanto ela é abstrata, geral ou especificada. Nesse sentido, o padrão mais geral do Diagrama 2 apresenta alguns slots esquemáticos abstratos, enquanto seus nós subsequentes já apresentam algum tipo de preenchimento/especificação. Logo, assim que um item lexical é atestado em uma construção, uma subconstrução lexicalmente especificada contendo este item pode, em princípio, ser adicionada à rede. Consequentemente, construções de diferentes níveis de generalidade podem coexistir na gramática. Além disso, construções lexicalmente específicas frequentes e altamente convencionalizadas são particularmente prováveis de constituir um nó na rede de que fazem parte.

De acordo com alguns autores (Traugott; Trousdale, 2013; Noël, 2007; Fried; Östman, 2004), esses esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções, que são membros-tipos específicos de esquemas mais abstratos, conforme pode ser observado a seguir:

Esquemas: estruturas cognitivas altamente abstratas, primitivas e possivelmente universais. Pareiam forma e significado, que são definidos por meio de uma estrutura com função definida. Nesse nível, os significados são bem gerais;

Subesquemas: grupo intermediário, mais específico do que os esquemas, com comportamento sintático e semântico similares;

Microconstruções: construções individuais;

Construtos: instanciações concretas da língua.

Na próxima subseção, apresentamos mais alguns conceitos que, aliados às categorias analíticas da Gramática de Construções, nos serão úteis para as análises aqui empreendidas.

1.2 MODALIDADE E TEORIA DOS ATOS DE FALA

Nesta seção, abordaremos dois conceitos fundamentais que desempenham um papel essencial nas análises subsequentes das instâncias de uso da construção modalizadora *estar para + infinitivo*, a saber: modalidade e Atos de Fala (indiretos). A compreensão desses conceitos, bem como os refinamentos aqui propostos, serão cruciais para uma análise aprofundada dos aspectos semântico e pragmático dos dados apresentados na próxima seção do artigo.

Neste trabalho, adotamos a proposta de modalização defendida por Narrog (2012), segundo quem ela deve ser vista como “uma categoria linguística que se refere ao status factual de uma proposição. Uma proposição é modalizada se for marcada por ser indeterminada em relação ao seu status factual, ou seja, não é nem positiva nem negativamente factual.” (Narrog, 2012, p. 6).³

Se considerarmos a tradição em filosofia, todas as proposições que não são factuais podem ser classificadas como possíveis ou necessárias (Kant, 1818; P. 194-195 apud Narrog, 2012, p. 8). Assim, factualidade, possibilidade e necessidade são

³ Tradução nossa de “Modality is a linguistic category referring to the factual status of a proposition. A proposition is modalized if it is marked for being undetermined with respect to its factual status, i.e. is neither positively nor negatively factual” (NARROG, 2012, p.6).

as três categorias básicas da modalidade. No entanto, algumas categorias modais parecem ser mais fáceis de interpretar em termos de possibilidade e necessidade do que outras. Existem expressões de volição/desejo, evidências e algumas noções epistêmicas que aparentemente não estão estritamente ligadas à necessidade ou à possibilidade. Portanto, é justamente nesse *continuum* ou nessa sobreposição de valores modais que reside o nosso interesse de investigação, por entender que a construção aqui investigada pode apresentar diferentes modalidades a depender do contexto sociocomunicativo em que for utilizada. Além disso, defendemos que algumas instâncias de uso de *estar para + infinitivo* podem estar associados, ainda, a outras categorias, como temporalidade, aspectualidade e/ou evidencialidade. Nesse sentido, conforme apresentaremos ao longo das análises, padrões subesquemáticos podem estar relacionados a noções aspectuais e modais, de modo que, em alguns casos, certos valores em sobreposição podem ser mais produtivos que outros.

Os diferentes valores modais podem ser classificados como epistêmicos, deônticos e volitivos.⁴ A Modalização Epistêmica (do grego *episteme* “conhecimento”) ocorre quando o falante expressa uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição (Traugott; Dasher, 2005). Isso se relaciona em grande parte com a crença (em oposição ao fato) sobre a verdade da proposição.

Castilho e Castilho (1993), ao tratarem dos advérbios modalizadores, arrolam três subtipos inerentes à modalização epistêmica: os asseverativos (afirmativos e negativos), os quase-asseverativos e os delimitadores. Ao fazer uso dos advérbios asseverativos, o falante quer demonstrar que considera totalmente verdadeiro o conteúdo da proposição. Logo, há um envolvimento por parte dele no que diz respeito a esse conteúdo. Os quase-asseverativos, por sua vez, expressam algo quase certo, isto é, não se pode atribuir total comprometimento ou responsabilidade ao locutor pelo conteúdo da proposição, tendo em vista que, segundo os autores “avalia-se P como uma possibilidade epistêmica, decorrendo daqui uma baixa adesão do falante com respeito ao conteúdo do que está sendo verbalizado” (Castilho; Castilho, 1993, p. 207). Por fim, os delimitadores, como o nome sugere, demarcam os limites em relação

⁴ Alguns autores propõem mais possibilidades de classificação para os valores modais. No entanto, para os propósitos desta pesquisa, as classificações apresentadas dão conta dos objetivos predefinidos.

aos quais se se deve considerar o conteúdo da proposição (geograficamente, biologicamente etc.).⁵

Já a Modalização Deontica (do grego *deon* “o que é obrigatório”) indica que o locutor considera o conteúdo da proposição como algo que deve ou precisa ocorrer obrigatoriamente, conforme Castilho e Castilho (1993). No entanto, os modalizadores deonticos além de expressarem obrigatoriedade, veiculam também noções de proibição ou possibilidade. A possibilidade ocorre quando o locutor responsável pelo enunciado expressa algo facultativo ou uma permissão, deixando, muitas vezes, a cargo do interlocutor a escolha em realizar o que lhe é pedido pelo conteúdo do enunciado. Esse tipo de ideia, ligada ao valor modal deontico, é classificada por Traugott e Dasher (2005) como de ‘conveniência’, no sentido de que a ação sugerida não é apenas normativamente desejada por quem a profere, mas sim benéfica para quem a ouve. Nesse sentido, a modalidade deontica está diretamente relacionada a atos de fala, como ordens, sugestões, exortações, convites.

Lyons (1977, p. 823 *apud* Traugott; Dasher, 2005, p. 106) identificou algumas características da modalidade deontica que, segundo ele, está “relacionada com a necessidade ou possibilidade de atos praticados por agentes moralmente responsáveis [...] que desencadearão um estado de eventos caso o ato em questão seja realizado”. Além disso, “prossegue, tipicamente, ou deriva, de alguma fonte ou causa” (p. 106), tais como as normas morais ou sociais, uma pessoa em posição de autoridade ou que tenha alguma “compulsão interna”.⁶

De acordo com alguns autores, como Sweetser (1990), os verbos modais são considerados ambíguos, pois estão relacionados ora ao mundo deontico, ora ao mundo epistêmico. Já outros, como Lyons (1977 *apud* Sweetser, 1990) e Lakoff (1972 *apud* Sweetser, 1990), defendem a ideia de que os verbos modais são diferentes entre si, exercendo cada um o seu papel e sendo, por isso, tratados como casos de homonímia. Coates (1995) e Givón (2001), por sua vez, admitem a existência de uma

⁵ A classificação apresentada, ainda que tenha sido feita com base nos usos de advérbios, será considerada para esta pesquisa por apresentar um refinamento dos estudos sobre modalização, e servirá para a categorização de instâncias de uso da construção aqui investigada.

⁶ Tradução nossa para “It is ‘concerned with the necessity or possibility of acts performed by morally responsible agents . . . What it describes is a state-of-affairs that will obtain if the act in question is performed’ (Lyons 1977: 823). Also, it ‘typically proceeds, or derives, from some source or cause’ such as moral or social norms, a person in authority, or some ‘inner compulsion’.” (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 106).

gradação de significados entre as modalidades deôntica e epistêmica, até mesmo uma sobreposição ou mescla em alguns casos, já que ambos os tipos partilham a modalidade *irrealis* e têm, historicamente, a mesma origem.

Conforme podemos observar, grande parte dos trabalhos sobre modalização a tomam mais prototipicamente dentro do escopo das modalidades deôntica e/ou epistêmica. Nesta pesquisa, no entanto, seguimos, também, a tendência apresentada por Jespersen (1992), segundo a qual um “elemento de vontade” está na base da diferença entre os dois tipos de modalidade supracitados (cf. Narrog, 2005). Para o autor, é preciso que se faça uma distinção entre os enunciados que contêm um elemento de vontade e os que não possuem esse traço.

Nessa linha de raciocínio, os enunciados devem ser analisados com base nas pistas linguísticas que demonstrem o interesse do falante em uma ação a ser realizada, no sentido de que deve haver uma força trabalhando para que essa ação ocorra. Assim, de acordo com Heine (1995), a propriedade conceitual decisiva da modalidade orientada para o agente é “[a existência de] alguma força (F) que é caracterizada por um ‘elemento de vontade’, ou seja, que tem interesse em um evento ocorrendo ou não” (Heine, 1995, p. 29).⁷ O lócus dessa força pode ser (i) um dos referentes da frase, por exemplo, o sujeito, no caso de expressões volitivas; (ii) o falante, por exemplo, com imperativos; ou (iii) a sociedade como um todo ou algum outro tipo de organização, política ou religiosa.

Segundo Narrog (2012), a modalidade relacionada a uma necessidade ou possibilidade em relação à vontade ou às intenções de alguém é chamada de Boulomaica, aqui tomada a partir do termo *volitiva*. Para ele, essa importante categoria tem sido relativamente negligenciada na literatura, já que, ao contrário das modalidades epistêmica e deôntica, as expressões de volição e de intenções raramente são diferenciadas da necessidade e da possibilidade. Para Narrog (2005), se esse “elemento da vontade” é de fato a distinção básica entre os dois tipos de modalidade mais comuns, os enunciados volitivos devem estar dispostos no polo da deonticidade, ao passo que os não volitivos cobrem usos mais epistêmicos.

Na tentativa de refinar ainda mais o conceito de modalidade, Givón (2001) afirma que ela poderia ser distribuída em uma hierarquia como supermodalidade >

⁷ Tradução nossa para “[The existence of] some force (F) that is characterized by an ‘element of will’ . . . , i.e., that has an interest in an event either occurring or not occurring.”

modalidade > submodalidade ou não fato > *irrealis* > deôntica/epistêmica. A partir dessa ideia, e ancorando-se na tradição lógica, ele redefine os tipos de modalidade, cujo resultado é o seguinte: a) pressuposição (verdade necessária), b) asserção 'realis' (verdade atual), c) asserção 'irrealis' (verdade possível), d) asserção negada (não verdade).

Complementando a discussão sobre a conceituação da modalidade, é relevante abordar a Teoria dos Atos de Fala como um importante arcabouço teórico que contribui para a compreensão dos diferentes tipos de modalidade linguística. A Teoria dos Atos de Fala, desenvolvida por filósofos da linguagem, como Austin e Searle, explora a natureza comunicativa dos enunciados, investigando como eles são usados para realizar ações e expressar intenções, além de transmitir informações factuais. Nesse sentido, a análise dos atos de fala indiretos desempenha um papel fundamental na compreensão das nuances e sutilezas da modalização, pois revela as estratégias discursivas utilizadas pelos falantes para transmitir significados pragmáticos e atingir determinados efeitos comunicativos.

Para Austin ([1962] 1990), qualquer ato de fala, cujo foco é um verbo performativo,⁸ possui uma força ilocucionária, a partir da qual esse ato ganha uma 'força do fazer coisas', isto é, uma ação é realizada por meio do dito. Dessa visão, resulta que o ato de fala é tomado como uma ação, já que, por meio da linguagem, as pessoas realizam ações quando se expressam.

Nesse sentido, a análise do contexto é primordial, uma vez que é preciso levar em consideração o momento e as condições para a realização do que foi dito. Como exemplo, o autor cita o ato de prometer, que pode ser interpretado de modos diferentes, a depender de quem promete, de onde se promete e em que circunstâncias esse evento é comunicado. Nas palavras dele:

Segundo estou informado, no direito processual norte-americano o relato do que se disse vale como prova, caso o que tenha sido dito seja um proferimento do tipo que chamamos de performativo, porque este é considerado um relato com força legal, não pelo que foi dito, o que resultaria em um testemunho de segunda mão – não admissível como prova – mas por ter sido algo realizado, uma ação (Austin, [1962] 1990, p. 30).

⁸ Verbos performativos são verbos que, quando enunciados, ao mesmo tempo que descrevem uma ação, também a executam, como "Eu aceito" (aceitação), "Ordeno que voltes" (ordem), "Prometo que vai ser rápido" (promessa) etc.

Portanto, para Austin, um ato de fala só é válido se “a pessoa que profere a promessa tenha uma determinada intenção, a saber, a intenção de cumprir com a palavra” (Austin, [1962] 1990, p. 28). No entanto, a questão central trazida aqui é: como o ouvinte chega à interpretação pretendida pelo falante? Tradicionalmente, os estudiosos sustentam que, para interpretar um Ato de Fala Indireto (AFI),⁹ o ouvinte tem que fazer uma certa inferência. Nesse sentido, o conteúdo proposicional e a força ilocucionária do ato de fala indireto são alcançados por meio de uma aplicação de regras de inferência de algum tipo (Searle, [1979] 1995; Grice, 1975).

Algumas pesquisas mais atuais apontam que há uma correlação entre esses AFIs e um modelo cognitivo que evoca metonimicamente o modelo inteiro (enquanto evento) ou apenas uma parte dele (Thornburg; Panther, 2003). Para ilustrar, o modelo cognitivo para um evento de “cobrança” inclui a ideia central do ato de cobrar, mas também várias ideias periféricas, em que o ouvinte está disposto a entender o ato e é capaz de compreendê-lo, ou que o falante deseja atribuir esse comprometimento a outra pessoa etc. Referindo-se a qualquer parte do modelo (por exemplo, “você me deve dinheiro” ou “a empresa ficou de me ressarcir” etc.), o falante pode evocar o modelo inteiro (PARTE-TODO) ou apenas seu núcleo (PARTE POR PARTE). No entanto, no primeiro caso, pode-se afirmar que haja uma atribuição convencional direta, enquanto no segundo, não. Essa distinção entre Atos de Fala Indiretos convencionais e não convencionais é antiga e foi discutida, entre outros, por Searle ([1979] 1995), Morgan (1978), dentre outros.

Com isso, na nossa proposta de análise da construção modalizadora *estar para + infinitivo*, consideramos, além dos aspectos funcionais – discursivos, semânticos e pragmáticos – mais estritos, os Atos de Fala Indiretos e sua força ilocucionária, com o fito de captar propriedades semânticas imprevisíveis desses padrões.

2 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, voltada para os aspectos funcionais da construção modalizadora *estar para + infinitivo*, exploramos questões semânticas e pragmáticas relacionadas a

⁹ Para Searle (1995, p. 50): “Em atos de fala indiretos, o falante comunica ao ouvinte mais do que realmente diz, contando com uma informação de base, linguística e não linguística, que compartilhariam, e também com as capacidades gerais de racionalidade e inferência que teria o ouvinte.”

essa estrutura linguística. Por meio de uma análise detalhada, buscamos compreender as diferentes nuances de sentido dessa construção, além das motivações pragmáticas que levam os falantes a empregarem-na em contextos específicos. Por meio dessa abordagem, esperamos obter uma visão abrangente e aprofundada dos usos e funções da construção modalizadora *estar para + infinitivo* na vertente do Português Brasileiro, contribuindo, assim, para o entendimento dos mecanismos linguísticos envolvidos na expressão da modalidade e das relações comunicativas que são estabelecidas por meio das instâncias de uso dessa construção.

Em relação à caracterização semântica da construção modalizadora *estar para + infinitivo*, é preciso destacar, primeiramente, algumas mudanças pelas quais o *estar* passou, a fim de que se compreenda o sentido veiculado pela construção como um todo. Sob tal conjuntura, em Santos (2017), demonstramos que, na construção modalizadora *ficar de + infinitivo*, o *ficar* não carrega mais seu sentido básico de permanência, passando a designar outra ideia (compromisso). De modo semelhante, na construção aqui investigada, o verbo *estar* não indica mais a noção de permanência física em algum lugar, relativa à sua etimologia. Em vez disso, em combinação com a preposição *para* e outro verbo no infinitivo, o *estar*, integrante dessa construção, passa a veicular noções aspectuais, sobrepostas, em algumas instâncias de uso, a valores modais.

Alguns construtos de *estar para + infinitivo*, no entanto, parecem instanciar sentidos mais referenciais (não ainda construcionalizados) dos itens que compõem esse padrão construcional, como quando possuem em seu co(n)texto algum dêitico espacial. Analisemos os dados (03) e (04):

(03) Faço uma aposta que em breve esse senhor estará no programa do Jô, da Fátima Bernardes e da Marília Gabriela, é lógico que **lá ele estará para defenestrar** a Santa Igreja Católica que lhe formou, mas é melhor um inimigo externo que interno! (Corpus do Português. Disponível <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 30 mar. 2021.)

(04) "Os jovens advogados pensam que o mundo é festa e que papai e mamãe sempre **estarão para resolver** qualquer imprevisto do final de semana (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 30 mar. 2021.)

Conforme é possível observar nas ocorrências (03) e (04), a presença de termos que indicam o espaço em que a ação ocorreu ou poderá ocorrer, a saber, "lá" (03) e

“mundo” (04), demonstram que o uso de *estar para + infinitivo*, nesses casos, parece ainda estar vinculado ao sentido lexical de *estar*, indicando permanência em um lugar físico (lá, cá, aqui etc.) ou metaforizado (festa, vida, céu, site etc.). Assim sendo, esse fato demonstra que a ideia de iminência quanto à realização de um fato em momento posterior não está relacionada à flexão de V1 da construção *estar para + infinitivo*, tal como ocorre normalmente em outras construções com o verbo *ir*, e até em alguns usos com *estar* (‘estarei aí’, ‘estaremos lá’ etc.). Ademais, tal fato pode ser uma evidência quanto à origem desse sentido mais proeminente que, advindo de uma ideia mais concreta de *estar em algum lugar para realizar algo*, abstratizou-se e passou a indicar sentido mais metaforizado – *estar na iminência de fazer alguma coisa em momento posterior*.

Como suposição, o que parece ter havido, de modo análogo à construção com *ficar de + infinitivo* (cf. Bispo e Santos, 2019), é a possível supressão do termo adjacente ao verbo *estar*. Vejamos as amostras (05) e (06) adiante:

- (05) Mas **aqui estou para passar uma super dica** da atleta Lara Sulino para quem que baixar consideravelmente a porcentagem de gordura corporal em até 8 semanas. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 15 jan. 2021.)
- (06) Mas **eu tbm não estou aqui para discutir, estou para buscar informações** e não críticas. Agradeço a sua informação a respeito do THC ficar contido nas células de gordura [...]. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 15 jan. 2021.)

A análise dos construtos (05) e (06) demonstra que, ao expressar que está em algum lugar com o objetivo de fazer ou propor algo, o locutor deixa clara sua intenção e demarca um espaço, ainda que virtual, no qual essa ação será realizada, como o site em (05) e o blog em (06), ambos marcados pelo dêitico *aqui*. Dessa forma, o sentido de *estar para + infinitivo* aspectual pode ter surgido em virtude de uma mudança semântica envolvendo o processo de metonimização. Esse processo poderia explicar a mudança de *estar* como decorrente da supressão dos termos adjacentes, uma vez que, por contiguidade conceitual e estrutural, *estar* absorve o sentido do termo que o acompanha. Em relação a usos como o apresentado em (06), por exemplo, os termos intervenientes entre *estar* e *para*, no caso em análise AQUI, via repetição, podem ter sido absorvidos pelo verbo, envolvendo aí um processo de

re/neoanálise¹⁰. Assim, a ideia de *estar aqui (lá, acolá ...)* para fazer alguma coisa pode ter promovido a criação, via repetição e rotinização, de um novo significado para a construção, como "*estar prestes a*" ou "*estar pronto para*".

De fato, o sentido mais habitual da construção *estar para + infinitivo* se relaciona ao que Travaglia (2016) denominou como aspecto não começado. Nas palavras do autor:

O aspecto não começado se caracteriza por apresentar a situação na fase anterior ao início de sua realização, portanto como algo por começar. Depreende-se da frase em que ocorre tal aspecto que há ou houve "intenção" ou "certeza" de a situação se realizar. [...] Esse aspecto é normalmente marcado por perífrases: ESTAR + PARA (ou POR) + INFINITIVO e FICAR + POR + INFINITIVO, etc. (Travaglia, 2016, p. 94-95).

Percebamos que, nas palavras do autor, o evento que *está para acontecer* tem em sua base uma intenção ou certeza por parte do agente. Assim, tal qual defendem Jespersen (1992) e Heine (1995), parece ser justamente essa intenção ou "elemento de vontade" que subjaz aos enunciados que podem ser caracterizados como modais, uma vez que as escolhas dos falantes podem atestar o interesse para que uma ação qualquer ocorra, no sentido de que deve haver algum empenho para isso. Observemos os construtos a seguir:

(07) "Vou te dar um exemplo aqui do nosso lado, o Peru aqui do nosso lado que é vizinho nosso, ainda não importa carne do Brasil, ele usa carne da Austrália, lá importa só alguns tipos de vísceras, coração, mas não importa nossa carne, traz lá da austrália, **nós estamos para abrir esse mercado**. Nós temos o Vietnã que eu estou indo lá no mês de maio, que nós também estamos tentando abrir esse mercado, é um mercado novo para o Brasil. Nós temos a Indonésia que nós estamos conversando e que já importa muito algodão, vem crescendo no algodão. O Brasil tem uma cesta de produtos que o mundo sabe da nossa qualidade, do volume que nós temos e da competitividade dos nossos preços, então, esse é um departamento, uma secretaria do Ministério da Agricultura que tem tido muito trabalho. Eu estou indo no Japão no dia 10 de maio, para uma reunião do G20, mas também vamos conversar sobre a abertura de mercado para a carne brasileira. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 03 ago. 2020.)

(08) Sou um leitor combativo, e sei que não vou abandonar Murakami. Mas vamos a essas coisas irritantes: 1. Os diálogos não são os pontos fortes de Murakami. Muitas vezes parece que os personagens decoraram suas falas e as pronunciam com a mesma temeridade que em teatros infantis da escolinha. Já nas trinta primeiras páginas de 1Q84, II, existe uma profusão de exemplos. A assassina de violentadores de mulheres, Aomame, pede ao guarda-costas particular Tamaru, que este lhe arranje uma pistola. Tamaru lhe questiona por quê. **Aomame informa que está para realizar a missão mais perigosa** de sua vida, e, no caso de ser pega, usará a pistola para se suicidar, impedindo assim que seja torturada e revele segredos de sua contratante. [...] (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 30 dez. 2020.)

¹⁰ Para Traugott e Trousdale (2013, p.36), o termo neoanálise se refere à nova análise que é feita em uma estrutura recém-construída, que ainda não dispunha, até então, de análise anterior. Já a reanálise é um processo que fornece base para a configuração de novos padrões gramaticais por meio da análise de um padrão já existente.

Os usos observados em (07) e (08) parecem, deveras, relacionar-se exclusivamente ao universo do aspecto não começado. Em (07), o construto “*nós estamos para abrir esse mercado*” indica que essa ação tem grandes chances de ocorrer num futuro próximo. No entanto, se analisarmos o co(n)texto, conseguiremos acessar pistas que ampliam essa noção de iminência, perfilando-a com as ideias de volição/desejo. Essa leitura é possível graças às evidências linguísticas deixadas pelo falante. Após fazer uso de *estamos para abrir esse mercado*, a então ministra da Agricultura Tereza Cristina enumera ações concretas que estão sendo adotadas para que isso ocorra, como “ir ao Vietnã” para negociar, ou “também vamos conversar sobre a abertura de mercado para a carne brasileira”, por exemplo, confirmando que “*estamos para abrir*” denota, mais do que uma ação provável, algo que é almejado e que provavelmente ocorrerá não em função do acaso, senão a partir de atividades direcionadas a esse fim. Por isso, há aqui a defesa de um imbricamento entre valor aspectual e valor modal.

Pode-se afirmar, em vista do que foi apresentado, que essa inter-relação só é possível por causa da flexão de V1 na 1ª pessoa. Por isso, na ocorrência (09), tivemos o cuidado de apresentar um dado mais impessoal, uma vez que o sujeito é um zero anafórico, que se refere a Aomame, e o verbo estar encontra-se na 3ª pessoa do singular.¹¹ Mesmo sob tais condições, a ideia contida em *Aomame informa que está para realizar a missão* parece indicar mais do que uma ação iminente, mas algo que é almejado por uma entidade. Em outras palavras, o escrevente utilizou *está para realizar* com o intuito de destacar uma ação com cuja realização alguém se compromete.

Sendo assim, os valores modais ligados a esses significados estão relacionados à modalização epistêmica quase-asseverativa, dado que o falante não se compromete com o conteúdo do enunciado, ou seja, ele não pode ser responsabilizado pelo dito,

¹¹ Reconhecemos que o excerto analisado é parte de uma análise, por parte do leitor do blog, de uma narrativa ficcional. No entanto, reconhecemos, ainda, a validade desses enunciados para as análises, já que são representativos de usos reais por parte do falante. Dessa forma, tal qual asseverou Searle ([1979] 1995, p. 104), “se as sentenças de uma obra de ficção fossem usadas para realizar atos de fala completamente diferentes daqueles determinados pelo significado literal que possuem, elas teriam de ter algum outro significado. Portanto, qualquer um que sustente que a ficção contém atos ilocucionários diferentes dos contidos na não-ficção compromete-se com a concepção de que as palavras não têm, nas obras de ficção, seus significados normais”.

já que o apresenta como uma possível verdade. Nos dados apresentados, não se pode afirmar categoricamente que o mercado será aberto (07) ou que a missão será realizada (08). Assim, os usuários apresentam fatos iminentes de acontecer, atestando que há empenho para isso, sendo, no entanto, impossível assegurar sua concretização.

A esse respeito, Coates (1983) defende que alguns significados percebidos em determinados contextos de uso parecem se alinhar tanto à modalidade deôntica (na visão dela, mais volitiva) quanto à epistêmica (menos volitiva). Logo, para a autora, determinada sentença pode apresentar mais de um sentido, que não estão apenas disponíveis, mas podem até ser simultaneamente pretendidos pelo falante. De fato, é o que se percebe em alguns construtos de *estar para + infinitivo*, cuja proposição é a de um fato que poderá ocorrer em momento posterior a partir do(a) empenho/vontade de um agente.

Outro sentido correlacionado ao uso de *estar para + infinitivo*, semelhante ao que ocorre com *ficar de + infinitivo*, é o de atribuição de compromisso a outrem quanto à realização de uma ação em momento posterior. Analisemos os dados adiante:

- (09) Conselheiro e ex-presidente do América, Eduardo Rocha e o processo eleitoral no clube: "Existe uma candidatura posta com o aval do presidente do clube e tem sim possibilidade de uma disputa na sucessão. **O Hermano Moraes está para dar uma resposta**, assim como o Marcus Meira e o próprio Gustavo Carvalho, o que é natural, normal na democracia. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 30 dez. 2020.)
- (10) 33. Enfurecidos por essas palavras, os conselheiros estavam decididos a matar os apóstolos. DE ONDE VEM ESSE PROJETO? 34. Levantou-se, então, no Sinédrio, um fariseu chamado Gamaliel. Era doutor de a Lei, e todo o povo o estimava. Gamaliel mandou que os acusados saíssem por um instante. 35. Depois disse: **"Homens de Israel, vejam bem o que estão para fazer contra esses homens"**. 36. Algum tempo atrás apareceu Teudas, que se fazia passar por uma pessoa importante, e a ele se juntaram cerca de quatrocentos homens. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 30 dez. 2020.)
- (11) A Câmara Municipal de Itabira deve aprovar nesta terça-feira (30), em segundo e definitivo turno, o projeto de lei (PL) 26/2019, que "autoriza o município a celebrar parceria com o setor privado, atuante no ramo de abastecimento", de autoria do prefeito Ronaldo Magalhães (PTB). Aprovado em primeira votação na sessão da semana passada, o projeto de lei da PPP do rio Tanque deu entrada no legislativo itabirano no início de março – e em menos de dois meses está pronto para ser aprovado, sem que os vereadores aprofundassem o tema. [...] **Os vereadores estão para aprovar um projeto** de grande impacto financeiro para o bolso da população itabirana – e sem ouvir os principais interessados, e financiadores, por meio de mais uma audiência pública que deveria ser promovida pelo legislativo itabirano. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 14 jan. 2021.)

Nas instâncias de uso da construção modalizadora sob enfoque exemplificadas de (09) a (11), a ideia que se quer transmitir é a de atribuição de um compromisso, de valor modal deôntico, a determinado agente a partir de fatos anteriores aos eventos apresentados, quais sejam, dar uma resposta (09), fazer algo contra alguém (10) e aprovar um projeto (11). Em parte, só é possível afirmar que determinado agente está para fazer alguma coisa se houver um compromisso anterior, nem que seja presumido, por parte desse agente.

Em (09), por exemplo, o falante coloca que “*Hermano Moraes está para dar uma resposta*” para demonstrar que, possivelmente, já houve algum contato anterior, no qual o personagem citado tenha se comprometido com isso. No dado, inclusive, há um trecho que reforça que já houvera reunião/acordo antes do evento apresentado – dar uma resposta, ei-lo: “*Existe uma candidatura posta com o aval do presidente do clube*”. O presidente do América, à época Hermano Moraes, sabia da candidatura e estava para dar uma resposta atinente ao processo eleitoral pelo qual o clube passava.

Da mesma forma, na ocorrência (10), a passagem bíblica anuncia que “*os conselheiros estavam decididos a matar os apóstolos*”. Esse fato é, em seguida, atribuído aos “Homens de Israel” que se comprometeram a realizá-lo, daí a visão de um compromisso (público) anterior, dito em tom de alerta por meio de “*Homens de Israel, vejam bem o que estão para fazer contra esses homens*”.

Por fim, em (11), o escrevente, quando aduz que “*Os vereadores estão para aprovar um projeto*”, quer asseverar que já houve comprometimento anterior relativo a tal proposta por parte dos parlamentares. Esse comprometimento anterior pode ser associado, por exemplo, à “primeira votação na sessão da semana passada”, na qual o projeto de lei fora discutido e a cuja sessão se atribui o presumido compromisso dos vereadores.

Assim, as ocorrências de (09) a (11) evidenciam valores modais deônticos sobrepostos ao valor aspectual já comentado presente nesse subesquema, uma vez que, em casos como estes, há o indício de uma obrigação ou dever que os agentes mencionados têm em relação a uma ação futura. O uso da construção modalizadora *estar para + infinitivo*, nesse contexto, indica que o agente está prestes a cumprir (ou não) esse compromisso, o que pode ser interpretado como uma forma de reforçar a modalização deôntica presente na enunciação.

Outro sentido percebido com o aprofundamento das análises dos dados coletados já foi brevemente explicitado ao longo deste artigo, cuja ideia está relacionada à “ação que ficou por cumprir”, ou, mais especificamente, o da ideia de não existência de alguém/de algo ou de não ocorrência de algo. Em tais usos, mais uma vez, há o esgarçamento dos limites temporais de futuridade e de iminência. Vejamos:

- (12) Muito simples. Apesar de todos os inegáveis benefícios e vantagens econômicas que o mundo online oferece (neste meu pequeno pensamento focado só no universo musical), **estou para conhecer** pelo menos um site que ofereça um centésimo da experiência ao vivo que no meu caso uma visita a Amoeba me proporcionou. Ok, são atividades complementares entre si, mundo on e off. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 15 jan. 2021.)
- (13) Visite-se um jardim-de-infância Waldorf para entender, vendo, o que quero dizer com preservação da infantilidade. **Estou para encontrar** uma única pessoa que não se entusiasme com o que é feito nesses jardins e reconheça que neles as crianças são muito mais felizes e infantis. Para uma lista deles no Brasil, [...]. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 15 jan. 2021.)
- (14) Lola, se discordar significa ser agressivo, então lamento não poder ser outra coisa. De qualquer forma ainda **estou para entender** por que razão me chamou mal educado. E, Lola, desafio-te a apontar no meu comentário alguma coisa que aponte que eu coloquei a tarefa de educar nos ombros da mãe. Eu sou do tipo que dá o lugar às senhoras nos comboios, mas não dos que as confinam à cozinha (se é que me entende) [...]. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 15 jan. 2021.)

Diferentemente do que se apontou nas pesquisas sobre essa construção, seu uso, conforme observamos em (12) – (14), extrapola os limites temporais de futuridade e de iminência, veiculando novos sentidos pragmaticamente motivados e convencionalizados. Ao se utilizar de “*estou para conhecer*”, “*estou para encontrar*” e “*estou para entender*”, o que se quer evidenciar, na verdade, é justamente o oposto: desconheço, não encontro e não entendo. Na ocorrência (12), por exemplo, alguns elementos linguísticos corroboram essa leitura de negação da existência de algo, como o trecho “*pelo menos um site*”. Ou seja, o falante quer demonstrar que não conhece nenhum site que ofereça a mesma experiência que ele teve ao vivo na visita a uma loja. Já em (13), por sua vez, os elementos “*uma única pessoa*” reforçam a ideia que se quer transmitir, qual seja, a de que não há ninguém que não se entusiasme com o que é feito no “*jardim-de-infância*”. Por fim, em (14), o uso do advérbio “*ainda*” assevera que o escrevente não entendeu o motivo de ter sido chamado de mal-educado. Esse advérbio reforça, aliás, uma espécie de gradiência

quanto a esse sentido especializado de *estar para + infinitivo* que, nos casos demonstrados de (12) - (14) ainda parecem carregar algum resquício do valor temporal associado a esse padrão. Dessa forma, se por um lado esses casos apontam para a questão aspectual, por outro já há a indicação de um sentido especializado de negação quanto ao que se defenda. Assim, em tais usos, é como se os falantes ainda esperassem *conhecer*, *encontrar* e *entender* (ainda que isso seja tratado como algo difícil de acontecer), fato que parece não ocorrer quando são utilizados outros verbos em V2, como *nascer*, demonstrado adiante:

- (15) [...]Os provedores tradicionais apenas oferecem espaço, mais nada. Se você contratar um espaço de SQL Server, precisa ser DBA. Peça algo diferente, como hospedar um componente COM, e o provedor não irá fazer. Sem falar no fato de que **está para nascer** provedor que ofereça escalabilidade no sentido scale-out, ou seja, ter diversas máquinas dividindo a carga de execução do seu sistema. (Corpus do Português. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em 30 dez. 2020.)

De forma semelhante às ocorrências (12) – (14), o uso de *estar para + infinitivo* exibido agora reforça a polissemia desse padrão construcional, que ora indica ação/fato iminente (em alguns usos relativos à modalização epistêmica), como se dá em (07) e (08), ora esse sentido especializado relativo à negação da existência/ocorrência de algo. Dessa forma, nesses casos, o uso de *estar para + infinitivo* se dá como estratégia argumentativa de reforço a uma dada ideia (qualidade ímpar de um dado provedor, em 15) com base na negação de um conteúdo proposicional: inexistência de provedor que forneça “*escalabilidade no sentido scale-out*”.

Diante dessas constatações, observamos que esse sentido só aparece com as formas *estou*, tal qual exibido em (12) – (14), e *está*, como demonstrado por (15), evidenciando, de certa forma, que o falante quer demarcar um ponto de vista que é contemporâneo ao momento da enunciação, daí as restrições em outros tempos (como pretérito e futuro), e sem um fim temporal claramente definido. Sob o ponto de vista dos processos cognitivos, pode-se relacionar esse uso ao princípio da perspectivação conceptual (Langacker, 1987), visto que há determinados ajustes focais que consideram os conhecimentos do interlocutor e a situação conceptualizada descrita em função do que se sabe ou do que se quer demonstrar. No que tange à discussão em andamento sobre os valores modais, é possível categorizar esse significado mais especializado no âmbito da modalização epistêmica asseverativa,

tendo em vista que há algum grau de certeza (o conteúdo é comunicado como certo), de envolvimento do locutor sobre o conteúdo da proposição, isto é, há certo compromisso/responsabilidade pelo que é enunciado.

Em relação aos aspectos pragmáticos, os dados de (12) a (15) exibem algum grau de (inter)subjetividade, tendo em vista que os falantes fazem uma espécie de comentário valorativo sobre algo que eles acreditam apresentar uma verdade inconteste. Para eles, por causa de suas experiências prévias, é difícil imaginar outro Estado de Coisas diferente do que se coloca. Logo, “está para nascer”, por exemplo, na verdade, significa “duvido que haja”, “não existe”, representando um ato de fala indireto, haja vista que, ao enunciar “está para nascer”, está-se dizendo uma coisa sob a aparência de outra. Esse uso mais específico de *estar para + infinitivo* relativo a um ato de fala indireto pode ser uma estratégia de polidez (cf. Brown e Levinson, 1987) por parte do falante, já que ele não tem como prever quais serão as atitudes e as reações quanto ao que enuncia. Tais comportamentos podem ou não ter um efeito sobre quais inferências convidadas generalizadas estão disponíveis (Traugott; Dasher, 2005). Outrossim, diferentemente do que ocorreu no dado anterior (14), na ocorrência (15) não há um leitor presumido, sendo o ato de fala indireto aplicado a quem quer que seja (persona genérica), cuja estratégia pragmática tem como foco encarecer a ausência de dada característica(s) dos provedores: “escalabilidade no sentido scale-out”.

Nesses casos, a inferência pragmática é imprescindível para a compreensão com a qual o falante conta. No trecho em questão, o falante expressa sua insatisfação por esse determinado objeto, promovendo comparações e enaltecendo suas características negativas. Nesse contexto, a expressão “está para nascer” pode ser interpretada como uma indicação de que o falante ainda não teve a oportunidade de ver um item realize as ações demonstradas por ele, sugerindo a possibilidade de que não exista ou seja muito raro de encontrar. Portanto, a inferência pragmática pode ser utilizada para chegar à interpretação de que o falante está negando a existência de “provedor que ofereça escalabilidade no sentido *scale-out*, ou seja, ter diversas máquinas dividindo a carga de execução do seu sistema”. Assim, esse resultado só será alcançado mediante a análise do contexto, da intenção comunicativa do falante e da interpretação do interlocutor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, abordamos alguns aspectos fundamentais relacionados à construção modalizadora *estar para + infinitivo*. Ao longo de nossa análise, destacamos a relevância dos fatores semânticos e pragmáticos que influenciam o uso desse padrão construcional, com base nos princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso via Gramática de Construções.

Nossa abordagem metodológica, de natureza descritivo-explicativa e com viés qualiquantitativo, permitiu uma análise aprofundada das ocorrências presentes no *Corpus do Português on-line*, mais especificamente na seção Web/Dialetos. A partir dessas análises, evidenciamos que a construção *estar para + infinitivo* frequentemente está relacionada à iminência de um ato ou evento expresso por V2, indicando a realização futura de uma ação, com valor aspectual não começado.

Além disso, identificamos a presença de noções associadas à modalização volitiva em alguns contextos de uso desse padrão construcional, enfatizando o aspecto da vontade ou intenção subjacente ao enunciado. Paralelamente, percebemos que certos construtos do subesquema *estar para + infinitivo* assumem um sentido especializado em relação à negação da existência ou ocorrência de algo, através de Ato de Fala Indireto, caracterizando a modalização epistêmica asseverativa.

Essas descobertas contribuem para uma compreensão mais aprofundada dos aspectos funcionais da construção *estar para + infinitivo*, destacando suas nuances semânticas e pragmáticas no uso cotidiano da língua portuguesa. A investigação dessas particularidades permite uma apreciação mais abrangente do sistema linguístico e sua relevância na comunicação eficaz. Esperamos que este estudo possa servir de ponto de partida para futuras pesquisas e enriquecer o conhecimento sobre o funcionamento da língua e seus mecanismos de modalização.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. de. **Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo**. São Paulo: ILHPA; Hucitec, 1978.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ações. Tradução: Danilo Marcondes de Sousa Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARLOW, M.; KEMMER, S. Introduction: a usage-based conception of language. *In*: BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 7-25.

BISPO, E. B.; SANTOS, L. T. dos. Fatores semânticos, sociointeracionais e cognitivos da construção modalizadora com ficar de + infinitivo. **Odisséia**, Natal, v. 4, n. especial, p. 111-131, jul./dez. 2019. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/18529/12250>. Acesso em: 25 jun. 2023.

BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação. **Odisséia**, Natal, v. 7, n. especial, p. 1-10, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/28489/15566>. Acesso em: 13 abr. 2023.

BOOIJ, G. **Construction morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. v. 4.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, A. T. de.; CASTILHO, C. M. M. de. Adjetivos predicativos. **Letras**, Santa Maria, n. 5, p. 122-143, jan./jun. 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11453/6927>. Acesso em: 28 jun. 2023.

COATES, J. **The Semantics of Modal Auxiliaries**. London: Croom, Helm Context and Cognition; Amsterdam: John Benjamins, p. 27-64, 1983.

COATES, J. The expression of root and epistemic possibility in English. *In*: BYBEE, J. L.; FLEISCHMAN, S. (ed.). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 55-66.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. CRUSE, D. A. **Cognitive linguistic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. (Coleção Cambridge Textbooks in Linguistics).

CROFT, W. Logical and typological arguments for radical construction grammar. *In*: OSTMAN, J.; FRIED, M. (ed.). **Construction grammars**: cognitive grounding and theoretical extensions. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 273-314.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. Corpus do Português (web/dialect): 1 billion words, 2016. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, [on-line], v. 64, n. 3, p. 501-538, set.1988. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/414531>. Acesso em: 12 jun. 2023.

FRIED, M.; ÖSTMAN, J. Construction grammar: a thumbnail sketch. In: FRIED, M.; ÖSTMAN, J. (ed.). **Construction grammar in a cross-language perspective**. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 11-86.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. de. **A transitividade e seus contextos de uso**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 49-74, mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410/6764>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista linguística**, Rio de Janeiro, v. 12, ed. especial, p. 55-67, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5438/4030>. Acesso em: 22 jun. 2023.

GIVÓN, T. Tense, aspect and modality I: functional organization. In: GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 285-335. v. 1.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. E.; JACKENDOFF, R. The English resultative as a family of construction. **Language**, [on-line], v. 80, n. 3, p. 532-569, set. 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4489722>. Acesso em: 17 abr. 2023.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

GOLDBERG, A. E. Constructionist approaches to language. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). **The Oxford handbook of construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (ed.). **Syntax and semantics: speech acts**. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58. 3. v.

HEINE, B. Agent-oriented vs. epistemic modality: some observations on German modals. *In*: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (ed.). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 17–53.

HOPPER, P. Emergent grammar. **Berkeley Linguistic Society**, [on-line], v. 13, p. 139-157, set. 1987. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272816392_Emergent_Grammar. Acesso em: 26 mar. 2023.

HUDSON, R. A. English Word Grammar. Oxford: Blackwell, 1990.

HUDSON, R. A. Language Networks: The New Word Grammar. Oxford: Oxford University Press, 2007.

JESPERSEN, O. **The philosophy of grammar**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**: descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991. v. 2.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MORGAN, J. L. Two types of convention in indirect speech acts. *In*: COLE, P. **Syntax and semantics**: pragmatics. New York: Academic Press, 1978. p. 261-280. v. 9.

NARROG, H. Modality, mood, and change of modal meanings: a new perspective. **Cognitive Linguistics**, [on-line], v. 16, n. 4, p. 677-731, dez. 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249928238_Modality_mood_and_change_of_modal_meanings_A_new_perspective. Acesso em: 18 jun. 2023.

NARROG, H. **Modality, subjectivity, and semantic change**: a cross-linguistic perspective. Oxford: Oxford University Press, 2012.

NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. **Functions of Language**, [on-line], v. 14, n. 2, jan. 2007. p. 177-202. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233681961_Diachronic_construction_grammar_and_grammaticalization_theory. Acesso em: 25 de maio de 2023.

OLIVEIRA, M. R. de.; ROSÁRIO, I. da C. do. **Linguística centrada no uso**: teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

SANTOS, L. T. dos. **A construção modalizadora [(SUJ) + FICAR DE + INFINITIVO] sob o viés funcionalista**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SANTOS, L. T. dos. **Abordagem funcional centrada no uso da construção modalizadora [V1_{AUX} + Prep + V2_{INF}]**. 2023. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

SEARLE, J. R. **Expression and meaning**: studies in the theory of speech acts. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SEARLE, J. R. Uma taxinomia dos atos ilocucionários. In: SEARLE, J. R. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos de fala. Tradução: Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 1-47.

SWEETSER, E. Modality. In: SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**: methaphorical and cultural aspects of semantic structures. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 49-75.

THORNBURG, L. L.; PANTHER, K. **Metonymy and pragmatic inferencing**. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Volume 97. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. O quadro aspectual do Português. In: TRAVAGLIA, L. C. O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão. 5. ed. [on-line]: EDUFU, 2016, p. 73-102. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/jm3g9/pdf/travaglia-9786558240143-06.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

Sobre o autor

Líneker Trajano dos Santos

Doutor em Estudos da Linguagem, área de Linguística Teórica e Descritiva, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2023). Possui mestrado na mesma área (2017) e é graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas (2014), pela mesma instituição. Integra o grupo de pesquisa Discurso & Gramática, seção Natal, cujos trabalhos e discussões têm como enfoque a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Atualmente, leciona nas redes pública e privada de ensino na cidade do Natal (RN). Entre suas áreas de interesse estão: estudos sobre modalização; Linguística Funcional Centrada no Uso e Gramática de Construções.